



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

“ENTRE PORTAS FECHADAS: NARRATIVAS DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO SOBRE O USO DE BANHEIROS POR ESTUDANTES TRANS NO ESPAÇO ESCOLAR”

Eixo Temático - NARRATIVAS, GÊNEROS, SEXUALIDADES E EDUCAÇÃO: ENCONTROS INSURGENTES

Tainá dos Reis Garcia ¹
Paula Regina Costa Ribeiro ²
Joanalira Corpes Magalhães ³

RESUMO

Este trabalho é um recorte de uma tese de doutorado em que, analisamos as questões relacionadas ao uso dos banheiros por estudantes trans no ambiente escolar, considerando as tensões e desafios que envolvem a efetivação desse direito. A resistência de parte da comunidade escolar e a ausência de regulamentações claras sobre o tema impactam diretamente a permanência e o bem-estar desses/as/es estudantes. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, utilizando a investigação narrativa como metodologia. As estratégias para produção dos dados envolveram um levantamento quantitativo com escolas municipais e estaduais de Rio Grande/RS e entrevistas narrativas com profissionais da educação. Os resultados apontam que, apesar de avanços normativos, ainda há barreiras significativas para o acesso de estudantes trans aos banheiros de acordo com sua identidade de gênero, revelando tensões entre políticas públicas e práticas institucionais. Esperamos que este estudo contribua para a promoção de discussões sobre diversidade de gênero na educação, auxiliando na construção de políticas públicas inclusivas e na implementação de práticas que garantam um ambiente escolar mais acolhedor e respeitoso.

Palavras-chave: Estudantes Trans, Banheiros Escolares, Profissionais da Educação.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande – Furg/RS, tainareisg@gmail.com;

² Orientadora, Doutora em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS/RS, Professora e Pesquisadora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências/PPGEC pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG/RS. pribeiro.furg@gmail.com;

³ Coorientadora, Professora e Pesquisadora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências/PPGEC pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG/RS. joanaliramagalhaes@gmail.com.



INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa de doutorado⁴ que está sendo produzida junto ao Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola - GESE e que investiga as narrativas de profissionais da educação sobre estudantes trans no contexto escolar. Focamos, neste texto, nos sentidos produzidos em torno do uso dos banheiros por estudantes trans nas escolas do município de Rio Grande/RS, considerando as disputas e os atravessamentos normativos, éticos e institucionais que constituem essa questão.

A escolha por este recorte se justifica pela relevância do banheiro enquanto espaço cotidiano de uso comum, mas altamente regulado pela lógica cisheteronormativa. Assim, o banheiro torna-se lugar de produção de exclusões, mas também de enfrentamentos e resistências. A escola, enquanto instituição social e política, não apenas reproduz normas de gênero, mas também as produz e legitima, operando como um dos principais dispositivos de constituição de subjetividades, demarcando os corpos que pertencem, os que devem ser disciplinados e aqueles que precisam ser vigiados.

Nesse sentido, estudantes trans frequentemente vivenciam deslocamentos, desconfortos e disputas, não apenas em relação ao reconhecimento de suas identidades, mas também quanto ao direito de ocupar os espaços escolares com dignidade. O uso do banheiro, um espaço aparentemente comum no cotidiano escolar, emerge como um dos principais marcadores dessas disputas, funcionando como uma lente para pensarmos neste trabalho nos embates em torno do pertencimento, da institucionalização da cisgeneridade e da (in)visibilização das existências trans.

Adotamos como referencial teórico os Estudos Culturais em suas vertentes pós-estruturalistas e utilizamos metodologias quantitativas e qualitativas, para a construção das narrativas. Foram realizados questionários e posteriormente entrevistas com profissionais da educação que atuam em escolas com presença de estudantes trans.

⁴ A pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande – Furg/RS e tem financiamento do CNPq através do Projeto Universal.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileira Educação em Sexualidade, Gênero e Diversidade



As análises evidenciam um cenário de desigualdade, empoderamento e resistência.

Enquanto algumas escolas se organizam para garantir o uso do banheiro conforme a identidade de gênero do/a/e estudante, outras sugerem ou recorrem a práticas que reforçam o não pertencimento, como a indicação de banheiros afastados, de uso exclusivo ou mesmo o banheiro para pessoas com deficiência.

METODOLOGIA

A produção dos dados da pesquisa ocorreu por dois movimentos, sendo o primeiro movimento focado na análise quantitativa dos dados, apresentando a porcentagem da presença de estudantes trans nas escolas, sendo uma estatística descritiva. Nesse movimento, buscamos investigar a presença de estudantes trans nas escolas da cidade foco da pesquisa por meio de uma abordagem quantitativa. Para tanto, entre os anos de 2023 e 2024, aplicamos um questionário online via Google Forms em 83 escolas (56 da rede municipal e 27 da rede estadual, todas públicas, sendo este o total de escolas de anos finais e escolas de ensino médio na cidade), com o objetivo de identificar o quantitativo de estudantes trans, suas idades, níveis de ensino e o uso do nome social, entre outros aspectos. Após uma persistente busca pela participação das escolas, com múltiplos contatos, mensagens e reenvios, conseguimos, finalmente, as respostas de 100% das escolas, ou seja, 83 escolas. Esse movimento de produção de dados quantitativos nos forneceu um panorama importante sobre a realidade das escolas no que diz respeito à inclusão de estudantes trans.

Ao analisarmos os 83 formulários respondidos, verificamos que 66% das escolas participantes indicaram ter estudantes trans, o que corresponde a 69 estudantes. Desses, 43,4% estão matriculados/as no Ensino Médio, 43,4% no Ensino Fundamental e 13,2% no Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Com relação ao conhecimento das normativas que regulam o uso do nome social nas instituições de ensino, 83% das escolas indicaram ter conhecimento sobre essas normativas. Além disso, dentre os/as estudantes que utilizam o nome social, 54,3% solicitaram diretamente à escola, enquanto 45,7% das solicitações foram feitas por seus/suas responsáveis. A autorização para o uso do nome social de menores de idade foi concedida em 76,7% dos casos. No que tange ao uso do nome social nas escolas, 81,6% dos/as professores/as, equipes diretivas e pedagógicas relataram utilizá-lo sempre ao se referirem aos estudantes trans. No entanto, 57,4% das respostas indicaram que o nome social ainda não é utilizado durante a chamada escolar,



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Responsabilidades



e 71% das escolas não notificaram o gênero, idade e responsabilidades, como a Coordenadoria Regional de Educação (CRE) ou a Secretaria Municipal de Educação (SMED), sobre a presença de estudantes trans.

No segundo movimento da pesquisa, no qual passamos a ouvir as narrativas dos/as profissionais da educação das escolas que tinham estudantes trans matriculados/as, selecionamos 12 escolas, levando em consideração que nessa escolha conseguíssemos abranger diferentes zonas no município (central, periférica, rural, etc.), com o objetivo de abranger o maior número possível de cenários dentro da organização da cidade. Foram entrevistados/as 26 profissionais da educação, sendo 13 professores/as e 13 membros da equipe diretiva e pedagógica. Esses/as participantes foram escolhidos/as com base em sua experiência e contato com estudantes trans no contexto escolar, além de seu interesse e disponibilidade em participar da pesquisa. A partir das entrevistas, buscamos compreender, de forma mais ampla, como os/as profissionais da educação vivenciam o uso do banheiro por estudantes trans nas escolas.

O uso do banheiro

Ao analisarmos as entrevistas com os/as profissionais da educação emergiram as seguintes narrativas:

“No almoço surgiu uma conversa sobre qual banheiro utilizar, e aí, ficamos naquela situação. Eu disse: olha, para mim isso está muito claro, o banheiro que se sente mais confortável. E aí disseram: Ah, mas tu sabe, a comunidade é preconceituosa, porque tu também sofreu preconceito aqui por ser gay. E aí, naquele momento, fiquei pensando: tá, mas se eu sofri, então, obrigatoriamente, todo mundo tem que sofrer? Naquele dia, eu praticamente não conseguia mais trabalhar. Me tocou muito assim, porque a gente sabe que se a escola não acolhe, outros espaços vão acolher. A droga vai acolher, a prostituição vai acolher. Qual a oportunidade que essa estudante tem de ser alguém na vida, de ter um trabalho, de ter uma profissão, se não for através da educação, da escola? E ela precisa passar pela escola básica. E ela vai ter muitas portas na cara, vai ter muita gente que não vai querer aceitá-la, entender e respeitá-la. Então, a gente não pode, eu pensei, não vou ser eu que vou empurrar ela para esse destino. E aí me chocou muito, porque alguém chegou a sugerir que ela utilizasse o banheiro para a pessoa com deficiência. E eu disse: pelo amor de Deus, como é que tu vai dizer para uma pessoa trans que ela tem que utilizar o banheiro para deficientes? Ela não tem uma deficiência, apenas não se identifica com um gênero e sim com o outro e ela vai fechar a porta do banheiro e não me interessa se ela vai fazer xixi sentada, se vai fazer xixi em pé, qual a forma que ela vai utilizar aquele sanitário. Então eu vim para a minha sala aqui, para o meu computador, fui pesquisar a lei. Aí fui olhar que não existe uma lei ainda, é uma pauta de costume que está no STF, que não foi julgada, talvez não tenha nem quando ser. O que eu li foi que existe uma resolução no Ministério do Trabalho. Fui perguntar para o jurídico da CRE, qual foi a resposta? “Tem que utilizar o banheiro do gênero

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Silêncios

recusa essa lógica de uma vigilância silenciosa e seus modos de existir. Essa recusa ecoa os apontamentos de Louro (2000, 2021), ao destacar que a escola, enquanto espaço de regulação dos corpos e das sexualidades, frequentemente opera no sentido de manter fronteiras fixas entre os gêneros, fronteiras essas que sujeitos como a estudante trans, por sua própria presença, desestabilizam.

O movimento do coordenador de buscar respaldo legal evidencia uma tentativa de legitimar sua postura frente a uma estrutura institucional que, muitas vezes, se omite ou reforça discursos excludentes. A resposta da CRE, ao afirmar que a estudante deve usar o banheiro de acordo com seu “gênero biológico”, reforça entendimentos essencialistas e do determinismo biológico. Diego, ao rejeitar tal orientação, posiciona-se como um agente de resistência frente a essas questões.

As narrativas apontam para a potência de uma atuação docente que não se limita apenas a uma reprodução das normativas vigentes, mas se compromete eticamente com a permanência e o acolhimento de estudante trans. Podemos ver o deslocamento do debate do banheiro para uma discussão mais ampla sobre pertencimento e reconhecimento. Nesse sentido, o banheiro opera não apenas como um espaço físico, mas como território simbólico de afirmação identitária. Esse entendimento se aproxima das ideias de Judith Butler (2019), ao entendermos que a busca por reconhecimento de gênero está ligada também à luta por condições mínimas para viver com dignidade. Ter acesso a espaços comuns, como o banheiro, é parte fundamental para a dignidade dos corpos que escapam às normas cisheteronormativas nas escolas.

Percebemos que ao afirmarem que os/as estudantes utilizem o banheiro em que se sentem confortáveis e que, mesmo diante da possibilidade de reclamações, mostra uma postura da escola que Louro (2021) chama de “compromissos pedagógicos com a diversidade”, em que o/a/e educador/a/e não se omite diante de conflitos, mas se engaja na produção de sentidos que afirmem a vida.

Assim, as narrativas mostram as tensões entre as normativas e a potência ética de profissionais da educação, mostrando que, mesmo sem respaldo institucional há brechas possíveis para práticas pedagógicas que desestabilizam as normas e afirmam o direito de estudantes trans à dignidade e ao reconhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

O acesso de estudantes trans nas escolas ainda é atravessado por ambiguidades, improvisações e silêncios institucionais. A ausência de regulamentações claras abre espaço para decisões pautadas por valores individuais ou pela tentativa de "contornar" a situação, muitas vezes reforçando desigualdades. Evidencia-se, assim, a distância entre a intencionalidade das políticas públicas e a efetividade de sua aplicação no cotidiano escolar.

As práticas de acolhimento, quando ocorrem, emergem mais do comprometimento ético dos profissionais da educação do que de uma cultura institucional consolidada, o que revela a urgência de normativas específicas, formação continuada e enfrentamento ao discurso antigênero que ainda circula em parte da comunidade escolar.

O acesso ao banheiro, esse espaço cotidiano e fundamental para a dignidade, torna-se assim um marcador potente das disputas em torno do reconhecimento e da permanência de estudantes trans nas escolas.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia.* Tradução de Márcio Gontijo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer.* Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.* 9. ed. rev. Petrópolis: Vozes, 2021.